Volume 20 Issue 40
Originally issued as A9



Global Journal of human-social science: A
Arts & Humanities - Psychology
Volume 20 Issue 9 Version 1.0 Year 2020
Type: Double Blind Peer Reviewed International Research Journal
Publisher: Global Journals
Online ISSN: 2249-460x & Print ISSN: 0975-587X

From Ontology to Anthropotechnics: Humanism, Media and Domestication of Being

By Lucas Fortunato, Alex Galeno & Fagner Torres De França

Abstract- In this essay, we intend to approach how Peter Sloterdijk relates to the thinking of Martin Heidegger when questioning the humanist definition of man and proposing the notion of Anthropotechnics. To this end, the article begins by exposing Heidegger's conception of Technique and Humanism, and Ernst Jünger's influence on this issue. Then, when dealing with the question of being and ontological difference, the peculiar treatment that Sloterdijk offers to the ontological question is presented by articulating the history of being with a kind of genealogy of the clearing, bringing to the foreground certain intuitions of Friedrich Nietzsche about the beginnings of the human species. To conclude, Sloterdijk's thinking is developed, culminating in what he calls onto-anthropology, a notion presented in the work La Domestication de l'Être, and possible applications to issues related to biotechnology and contemporary media - which allows us to think a machinic history of being under the doubly complex bias of anthropology and ontology.

Keywords: *onto-anthropology, anthropotechnics, domestication of being, humanism, post-humanism.*

GJHSS-A Classification: *FOR Code: 160199*



Strictly as per the compliance and regulations of:



© 2020. Lucas Fortunato, Alex Galeno & Fagner Torres De França. This is a research/review paper, distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-Noncommercial 3.0 Unported License http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/), permitting all non-commercial use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

From Ontology to Anthropotechnics: Humanism, Media and Domestication of Being

Da Ontologia À Antropotécnica: Humanismo, Mídias E Domesticação Do Ser

Lucas Fortunato [α], Alex Galeno [σ] & Fagner Torres De França [ρ]

Resumo- Neste ensaio, pretende-se abordar como Peter Sloterdijk se relaciona com o pensamento de Martin Heidegger ao questionar a definição humanista do homem e propor a noção de Antropotécnica. Para isso, o artigo inicia expondo a concepção de Heidegger acerca da Técnica e do Humanismo e a influência de Ernst Jünger nesta problemática tratada pelo filósofo da Floresta Negra. Em seguida, ao tratar da pergunta pelo ser e da diferença ontológica, é apresentado o peculiar tratamento que Sloterdijk oferece à questão ontológica ao articular a história do ser a uma espécie de genealogia da clareira, trazendo para o primeiro plano certas intuições de Friedrich Nietzsche sobre os primórdios da espécie humana. Para concluir, desenvolve-se o pensamento de Sloterdijk que culmina no que ele nomeia de onto-antropologia, noção apresentada na obra *La Domestication de l'Être,* e possíveis aplicações a problemáticas ligadas à biotecnologia e às mídias contemporâneas – o que permite pensar uma história maquínica do ser sob o viés duplamente complexo da antropologia e da ontologia.

Palavras-chave: onto-antropologia, antropotécnica, domesticação do ser, humanismo, pós-humanismo.

Abstract- In this essay, we intend to approach how Peter Sloterdijk relates to the thinking of Martin Heidegger when questioning the humanist definition of man and proposing the notion of Anthropotechnics. To this end, the article begins by exposing Heidegger's conception of Technique and Humanism, and Ernst Jünger's influence on this issue. Then, when dealing with the question of being and ontological difference, the peculiar treatment that Sloterdijk offers to the ontological question is presented by articulating the history of being with a kind of genealogy of the clearing, bringing to the foreground certain intuitions of Friedrich Nietzsche about the beginnings of the human species. To conclude, Sloterdijk's thinking is developed, culminating in what he calls onto-anthropology, a notion presented in the work *La Domestication de l'Être,* and possible applications to issues related to biotechnology and contemporary media - which allows us to think a machinic history of being under the doubly complex bias of anthropology and ontology.

Author α: Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN. Doutor em Ciências Sociais e Mestre em Filosofia. Autor do livro Machinapolis e a Caosmologia do Ser. Natal EDUFRN, 2010.
e-mail: lucasfortitude@gmail.com
Author σ: Professor do Instituto Humanitas – UFRN. Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Autor de Antonin Artaud: a revolta de um anjo terrível. Porto Alegre: Sulina, 2005.
e-mail: alexgalenno@gmail.com
Author ρ: Jornalista, mestre e doutor em Ciências Sociais pela UFRN. Autor de Artaud e o cinema da crueldade. Curitiba: CRV, 2018.
e-mail: fagnertf@yahoo.com.br

Keywords: onto-anthropology, anthropotechnics, domestication of being, humanism, post-humanism.

I. Sobre a Filosofia

A filosofia, em especial a contemporânea, nunca foi tão necessária para refletir sobre as grandes questões ético-políticas que dominam a época e suas constantes transformações. Quanto mais o niilismo se alastra sobre a Terra, tanto mais necessário se torna o questionamento do presente. O presente, ele mesmo mutante, apresenta-se à humanidade como o que foi destinado ao ser na sua errância cósmica.

A ciência e a técnica modernas transformaram quase por completo a ecologia da Terra, alterando as relações sociais, produzindo novas subjetividades e, ao mesmo tempo, fabricando uma maquinaria que, de tão sofisticada e avassaladora, traz à tona a questão de saber que destino resta ao humano, em um mundo tomado por uma espécie distorcida de revolução permanente inscrita na dinâmica interna das sociedades avançadas.

A contemporaneidade está marcada pelo signo do monstruoso. Porém, um monstruoso que só pode ser vislumbrado por um pensamento alçado aos extremos. É de um estilo intelectual vertido no extremo que o pensamento necessita, para se colocar perante o mundo de maneira a pensar o inaudito da dominação planetária: precisamente, uma filosofia de novo tipo, entendida como atividade radical do pensamento, em que se dá, com propriedade, a passagem da atividade vulgar da razão a um estado de exceção filosófica.[1]

Digamos então que é preciso, a um só tempo, por um lado, estabelecer uma distância considerável frente aos ditames do presente, e por outro, promover uma aproximação mais fundamental do que nenhum pensamento já chegou a fazê-lo, com relação ao que deve ser pensado, para que só então as problemáticas referentes ao ser se apresentem com a pertinência filosófica que a época reclama. Mais do que nunca, torna-se premente pensar o não-pensado.

[1] Cf. Peter Sloterdijk, "Les grandes circounstances", in *La domestication de l'être: pour un éclaircissement de la clarière.* Mille et Une Nuits, 2000, p. 7ss.

© 2020 Global Journals

II. A Mobilização Total da Técnica Moderna

Martin Heidegger foi um desses seres que, impregnados de seu tempo, transformaram o pensamento para sempre. Não por acaso, propôs com enigmática maestria a pergunta pelo ser, investigou a essência da técnica e do niilismo, e pôs-se a meditar sobre o que chamou de pensamento essencial. Sobretudo, não deixou jamais de questionar a história moderna, entendida como destino do ser na escalada planetária da técnica.

Heidegger colheu elementos importantes para desenvolver a questão da técnica e do niilismo em um escrito no qual seu contemporâneo Ernst Jünger apresenta o conceito de mobilização total, elemento importante para caracterizar a consumação da técnica moderna, "uma época cujo elemento fundamental é a guerra": "A mobilização total é consumada por ela mesma muito mais do que por nós; ela é, na guerra e na paz, a expressão da reivindicação misteriosa e compulsória à qual nos submete essa vida da época das massas e máquinas".[2]

Contudo, para Heidegger a técnica não pode ser entendida apenas sob o viés técnico. Em um momento histórico no qual o homem e as coisas são tomados no movimento total da técnica planetária, é necessário ir além e se questionar pela essência da técnica. É com essa preocupação de fundo que Heidegger, ao recolocar a questão sob uma perspectiva ontológica, concernente portanto ao ser, define a técnica como uma certa forma de desvelamento por meio do qual o ser se apresenta.[3] Muito mais importante do que pensar a técnica sob o prisma da ciência ou da tecnologia, trata-se de evidenciar a maneira como o desvelamento do ser se dá no destino epocal moderno-contemporâneo – algo próximo da intuição de Jünger, que diz: "O lado técnico da mobilização total, no entanto, não é o decisivo. Antes, seu pressuposto, como o pressuposto de toda técnica reside mais no fundo. Aqui, nós o trataremos como *prontidão* para a mobilização".[4]

Essa prontidão de que fala Jünger não é senão a dinâmica automática própria às sociedades tomadas por uma mobilização virtualmente completa do ente em sua totalidade, muito além da vontade humana, e que talvez um dia possa vir a ser chamada de máquina pura. O perigo latente à mobilização total se faz perceber quando tudo o que se faz e se produz não objetiva outro fim a não ser a reprodução de dispositivos e micro-racionalidades na disposição totalitária da técnica. Alçada ao domínio sobre a natureza, estrutura ao mesmo tempo as ordens internas às sociedades, submetendo tudo o que vige a uma intrusão inapelável, a um só tempo técnica e histórica, na paz e na guerra. A própria *physis* ancestral, representada pela Terra e pelos seres vivos, encontra-se submetida aos imperativos da razão calculadora característica da técnica, cujo fim (lógico, operacional e futuro) é determinado em si mesmo.

O problema essencial aqui apresenta-se no fato de que o conjunto das novas técnicas – que são de distintas ordens, mas orientadas pela razão calculadora – possa produzir uma situação em que as sociedades se tornem presas de seus próprios avanços tecnológicos. Quanto a isso, Heidegger propôs sua visão do cenário, que aparece desta maneira em um texto tardio na sua obra *Serenidade* [1959]:

> O poder oculto da técnica moderna determina a relação do homem com o que é. Este poder domina a Terra inteira. (...) Nada pode prever as radicais transformações que se aproximam. Mas o desenvolvimento da técnica se efetuará cada vez mais com maior velocidade e não poderá ser detido em parte alguma. Em todas as regiões da existência o homem estará cada vez mais estreitamente cercado pelas forças dos aparatos técnicos e dos autômatos. (...) aqui se está preparando, com os meios da técnica, uma agressão contra a vida e a essência do ser humano, uma agressão comparada com a qual bem pouco significa a explosão da bomba de hidrogênio. Porque precisamente quando as bombas de hidrogênio *não* explodem e a vida humana sobre a Terra está salva-guardada será quando, junto com a era atômica, se suscitará uma inquietante transformação do mundo (tradução dos autores).[5]

Essa espécie de revolução permanente desencadeada pela mobilização total da técnica produziu a energia nuclear como marca de uma época atormentada pelas guerras mundiais e pelo apocalipse atômico. Agora, na aurora do novo milênio, com os novos avanços das ciências informacionais e biológicas, os emblemas epocais fatalmente se modificam e estão mais próximos da bomba informática, segundo pensa Paul Virilio,[6] e do apocalipse biológico, de que nos fala Sloterdijk.[7]

Em particular, para o que é tratado aqui, a problemática torna-se crítica quando as práticas e os

[2] Ernst Jünger, "A mobilização total", in *Natureza humana*, jun. 2002, vol.4, Nº 1, 2002, p. 198.
[3] Cf. Martin Heidegger, "A questão da técnica", in *Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 18ss.
[4] Ernst Jünger, "A mobilização total", in *Natureza humana*, p. 199.
[5] Martin Heidegger. *Serenidad*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1994, p. 23-25.
[6] Paul Virilio. *La bomba informática*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1999.
[7] Diz Peter Sloterdijk: "eis que aparece agora um novo perigo assustador no horizonte: o apocalipse biológico e a transformação incontrolável do homem em um monstro pós-humano", in https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1010199906.htm. Acesso: 15 de maio de 2020. Cf. Peter Sloterdijk. *La domestication de l'être: pour un éclaircissement de la clarière*, p. 34.

© 2020 Global Journals

procedimentos tecnocientíficos propõem-se a manipular os códigos genéticos dos seres vivos, e mais ainda, quando se colocam o objetivo de intervir sobre a herança genética da humanidade.

Assim, então, vê-se brevemente esboçada a passagem da produção de técnicas do grande, tendo a bomba atômica como realidade exemplar, para uma produção microfísica de tecnologias que objetivam adentrar as subjetividades e até as moléculas vitais, a fim de transfigurá-las. Virilio diagnostica o caso:

> Efetivamente, hoje o *lugar das técnicas de ponta* não é mais tanto o ilimitado do infinitamente grande de um ambiente planetário ou espacial, mas o do infinitamente pequeno de nossas vísceras, das células que compõem a matéria viva de nossos órgãos. (...) [o da] *intrusão intraorgância da técnica e de suas micromáquinas no seio do que vive*.[8]

Sloterdijk, à sua maneira, vislumbra a situação atual da onto-antropologia (tratada mais adiante) da seguinte maneira: "uma fração euro-americana tem proporcionado com sua entrada na era altamente tecnológica um procedimento sobre ela mesma e contra ela mesma, onde *o que está em jogo é uma nova definição do ser humano*" (destaque dos autores).[9]

Entretanto, neste momento histórico em que os corpos e as subjetividades humanas se prestam a vários tipos de modulações tecnológicas, sob que condições se pode definir o ser do homem, se é que se pode defini-lo? Ou melhor, como caracterizar a singularidade do homem nas circunstâncias em que a ciência e a técnica contemporâneas se apoderam de uma maneira surpreendente tanto do habitat terrestre quanto dos seres humanos, por dentro e por fora?

III. Humanismo, Diferença Ontológica e Antropotécnica

Em *Carta sobre o humanismo* [1947], Heidegger apresenta de forma condensada algumas de suas principais teses sobre o pensamento essencial que ajudam a pensar essas perguntas. Na sua epístola endereçada a um jovem poeta, uma crítica aos humanismos subjaz à concepção segundo a qual o homem não se confunde jamais com o animal, como o faz parecer toda a metafísica ocidental, desde ao menos Aristóteles.[10] Para o pensador da Floresta Negra, a questão fundamental não é o homem mas o *ser*, não é a razão mas o *pensamento*: "O que importa, portanto, na definição da humanidade do ser humano enquanto existência [*Ek-sistenz*], é que o essencial não é o ser humano, mas o ser como a dimensão do extático da existência".[11]

Essa concepção do ser, necessariamente, fundamenta-se na fórmula heideggeriana da diferença ontológica entre o ente e o ser. Na perspectiva de Heidegger, a metafísica jamais pensou o ser em sua essência, justo o ser, que, durante milênios, permaneceu o grande impensado da tradição ocidental. Para ele, a questão sobre a essência do homem, do mesmo modo, só pode ser colocada de maneira apropriada por meio de um pensamento existencial-ontológico que consiste em tornar finalmente o ser algo digno de ser pensado essencialmente, o que requer uma mudança radical de perspectiva filosófica e o emprego de uma nova linguagem.

Eis uma das linhas-mestras do que Heidegger denomina pensamento essencial, cuja tarefa primordial é pensar o ser guardando com o cuidado necessário a sua verdade, e que concebe o homem como ente especialíssimo, precisamente, porque habita o local fundante onde o ser aparece como aquilo que é: a linguagem como a clareira do ser.[12]

Contudo, Sloterdijk pretende pensar algo que, se bem passa pelo pensamento essencial de Heidegger, nem por isso se restringe a ele. Sloterdijk recoloca toda a questão do ser heideggeriana em outras bases, a fim de pensar as condições de possibilidade da clareira do ser advir no reino da natureza, no seio da materialidade, à luz, portanto, de um pensamento que se nutre tanto da filosofia quanto das ciências pertinentes à investigação.

No seu livro *La Domestication de l'Être* [2000], Sloterdijk pretende

> Mostrar que a meditação heideggeriana sobre o êxtase existencial tem também uma significação para a compreensão da crise atual na definição biológica do homem por si mesma – nessa crise que afeta os modos de intervenção do homem sobre o homem, por aquilo que eu [Sloterdijk] introduzi em meu discurso (...) *Regras para o parque humano*, com a expressão 'antropotécnica'.[13]

[8] Paul Virilio, "Do super-homem ao homem super-excitado", in *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 91-92.

[9] "(...) sous la direction de la fraction euro-américaine, a intenté avec son entrée dans l'ère hautement technologique une procédure sur elle-même et contre elle-même, dont l'enjeu est une nouvelle définition de l'être humain". Peter Sloterdijk. *La domestication de l'être,* p. 32.

[10] Diz Heidegger: "O primeiro humanismo, o romano, e todo humanismo, que, desde então, tem surgido, pressupõe evidente a 'essência' universal do homem. O homem é considerado como *animal rationale*". Cf. *Sobre o humanismo.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, p. 38.

[11] Citado por Sloterdijk, in *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo.* São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 26. – Cf. Martin Heidegger. *Sobre o humanismo,* p. 55.

[12] Cf. Sloterdijk, *Regras para o parque humano,* p. 26-27.

[13] "Je veux essayer de montrer dans les lignes qui viennent que la méditation heideggerienne sur l'extase existentielle a aussi une signification pour la compréhension de la crise actuelle dans la définition biologique de l'homme par soi-même– dans cette crise qui affecte les modes d'intervention de l'homme sur l'homme, pour lesquels j'ai introduit dans mon discours prononcé à Bâle en à Elmau, *Régles pour le parc humain*, l'expression 'anthropotechnique'". Peter Sloterdijk**.** *La domestication de l'être*, p. 17.

© 2020 Global Journals

Segundo subjaz a noção de antropotécnica[14] – e aqui é um ponto fundamental na passagem da abordagem de Heidegger para o pensamento de Sloterdijk – *a clareira do ser depende de condições produzidas pela técnica*. Na verdade, diz Sloterdijk, "a expressão 'antropotécnica' designa um teorema filosófico e antropológico de base segundo o qual o homem ele mesmo é fundamentalmente um produto e não pode ser compreendido a não ser que se volte o espírito analítico sobre seu modo de produção".[15] Segundo essa concepção de antropotécnica, nos diz o estudioso Zeljko Loparic: "É num produto seu – o ser humano – que a natureza toma consciência da sua tecnologia, inclusive da que foi usada na antropogênese".[16]

Essa intuição de que o homem é um produto sempre por se fazer sobre bases variáveis mas eminentemente técnicas, muito provavelmente inspira-se no pensamento de Friedrich Nietzsche, que desde muito cedo propôs pensar as condições de produção das culturas e dos povos sob a noção de "moralidade do costume", cunhada e trabalhada com profundidade nos livros *Aurora*, *Gaia Ciência*, *Além de Bem e Mal* e, principalmente, na sua *Genealogia da Moral*.[17]

Nas dissertações sobre a história da moral, Nietzsche menciona um dos meios técnicos mais importantes com o qual a moralidade produzira os homens e suas culturas desde a pré-história da humanidade, utilizando-se da expressão "mnemotécnica".[18] Por mnemotécnica deve-se entender todo e qualquer meio empregado pela sociedade para produzir uma memória, que não é somente cognitiva, mas também fisiológica, comportamental e portanto cultural. Nietzsche, inclusive, concebera a humanidade como maquinaria em alguns fragmentos de 1887; maquinaria, antes de tudo e fundamentalmente, de produção de seres humanos.[19]

Desenvolvendo essas intuições com originalidade, Sloterdijk desloca o pensamento sobre o ser, como se encontra em Heidegger, e se põe a contar a história do devir-homem sob o modo ontológico, *aproximando o pensamento do ser a problemáticas antropológicas*.[20]

Segundo essa via do pensamento proposta por Sloterdijk, torna-se necessária uma aliança com Heidegger, mas de tal modo que, paralelamente, não o impeça de colocar entre parêntesis a recusa heideggeriana em dialogar com todas as formas de antropologia, sejam elas empíricas ou filosóficas. Com isso, abre-se toda uma constelação de novas problemáticas que se formulam na interseção da ontologia com a antropologia.

Isso pode soar estranho aos que conhecem a determinação de Heidegger em sobrepujar a metafísica, que durante mais de dois milênios confundiu o ser com o ente. E ainda hoje, mesmo a ciência, que na perspectiva heideggeriana é uma espécie de metafísica aplicada, não sai do círculo que define o homem como um animal racional. Precisamente contra isso Heidegger levanta a questão da humanidade do homem, que não é senão, como já mencionado, o ser como a dimensão extática da existência, e segundo a qual o ser transcende a si mesmo no homem, e o homem transcende a si mesmo na sua relação essencial com o ser e o mundo por meio da linguagem e do pensamento.

De muitas formas, Heidegger insistiu na diferença ontológica do *Dasein* no que se refere à sua abertura ao mundo com a noção de clareira do ser, entendida como dimensão extática e transcendental que se faz perceber na linguagem, e meio no qual o ser potencialmente adquire sentido no pensamento. No entanto, para Sloterdijk a linguagem e a clareira possuem uma história (no interior da natureza) resolutamente ignorada por Heidegger, uma história na qual o "primata" tornou-se gradativamente, no decorrer de processos milenares, o ser-aí aberto ao mundo.[21] Essa história, se atentamente investigada, mostra de que forma, por meio de que efeitos, o ser que somos adquiriu as características biofísicas capazes de dotar

[14] Para maiores esclarecimentos sobre a ideia e a origem do termo antropotécnica em Sloterdijk, remetemos para a leitura de uma outra obra seminal, *Tens de mudar de vida.* Portugal: Relógio d'Água, 2018, p. 488-9: "Entre os autores da revolução metafísica dos anos 1920, Valerian Muraiev foi quem explorou da maneira mais abrangente a questão da produção do Homem Novo ao conceber os seus aspectos tecnológicos sob as mais vastas perspectivas. (...) O jogo de linguagem da produção humana estava também firmemente ancorado na pedagogia soviética. Pelo que se sabe, é todavia nos textos de Muraiev que aparece pela primeira vez, nos seus escritos dos anos 1920, o termo 'antropotécnica', em grande parte sinônimo da expressão, forjada ao mesmo tempo, de 'antropurgia', que tinha principalmente em vista produzir um tipo superior de ser humano".

[15] "En vérité, l'expression 'anthropotechnique' désigne un théorème philosophique et anthropologique de base selon lequel l'homme lui-même est fondamentalement un produit et ne peut donc être compris que si l'on se perche, dans un esprit analytique, sur son mode de production". Peter Sloterdijk, *La domestication* de l'être, p. 18.

[16] ZeljkoLoparic. Resenha da obra de Peter Sloterdijk *Nichtgerettet. Versuchenach Heidegge*r, in *Natureza humana*, jun. 2002, vol.4, Nº 1, p. 189-216.

[17] Sobre a "proveniência da moral" e a "moralidade do costume", ver Friedrich Nietzsche. *Genealogia da moral: uma polêmica.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, § 4 do Prólogo, p. 10ss.

[18] Cf. Friedrich Nietzsche, *Genealogia da moral*, II, § 3.

[19] Cf. o estudo e a tradução de Oswaldo Giacoia Jr. *Clássicos da filosofia: cadernos de tradução nº 3: Friedrich Nietzsche: A 'grande política' fragmentos.* Campinas: UNICAMP/IFCH, 2002.

[20] "Je voudrais à présent montrer, au moins sous forme d'esquisse, comment il faut procéder si l'ons veut raconter sur le mode ontologique l'histoire du devenir-homme". Cf. Sloterdijk, *La domestication de l'être*, p. 21ss.

[21] Sloterdijk denomina esse processo de a "aventura da hominização", a qual explica como o "animal *sapiens* se tornou o homem *sapiens*" aberto ao mundo no sentido ontológico. Cf. *Regras para o parque humano,* p. 33-34.

© 2020 Global Journals

um proto-humano de linguagem articulada tal como se conhece hoje.

Sloterdijk faz uma sucinta apresentação filosófica dessa passagem histórica responsável pela abertura da clareira do ser no devir do proto-sapiens e conclui afirmando que o homem não é produto nem do signo nem do símio, mas da pedra.[22] Com esta fórmula sintética e aparentemente enigmática, o filósofo defende a tese de que o *Dasein* aberto ao mundo e dotado de linguagem é, do ponto de vista da história natural, um produto da técnica. Disso resulta que o homem não é um ser natural, mas um artifício (*homo technologicus*), desde o início da aventura humana na história e não somente agora que a humanidade encontra-se imersa nos circuitos de uma ecologia artificial.

O homem não surge como homem, o pré-homem se torna homem, tanto nos processos milenários da evolução natural, que dotaram o aparato fisiológico de condições para a existência, quanto nos processos culturais de hominização, necessários a cada novo ser que nasce. E se, como afirma Heidegger, o homem é linguagem, o é antes ou ao mesmo tempo, técnica.

Disso Sloterdijk conclui que a clareira não é só o lugar essencial onde o homem habita na linguagem; para ele, se há linguagem é porque antes a matéria viva e o corpo foram organizados por diversos processos biológicos e antropotécnicos conjugados, o que, ademais, promoveu o surgimento da cultura em seu sentido subjetivo e objetivo, material e imaterial.

Sloterdijk repensa assim toda a trajetória da hominização, enquanto tecnogênese, com base nas descobertas da ciência moderna, com a intenção de tentar entender como o *Dasein* heideggeriano veio a ser o que é. Para compreender tal acontecimento, elabora uma perspectiva que leva em consideração as várias dimensões pertinentes, a natural, a antropológica, a política, a psicológica e a social.[23]

Contudo, Sloterdijk evita a todo custo cair mais uma vez no equívoco metafísico dos humanismos que definem o homem unicamente em bases ônticas. Ao propor o teorema filosófico da antropotécnica, o filósofo pergunta: – se for o caso de a filosofia contemplativa enfim encontrar o seu lugar nas pesquisas empreendidas pelas ciências humanas? O que poderá acontecer?[24] Assim, propõe experimentar novas constelações entre a ontologia e a antropologia cunhando o termo *onto-antropologia*.

Com essa concepção filosófica Sloterdijk esboça a interpretação ontológica heideggeriana da existência em um pensamento onto-antropológico, dando-se por princípio de entrada o círculo que não é hermenêutico mas antropotécnico.[25]

Um empreendimento original como este reflete uma soma de condições acumuladas depois da ruptura revolucionária no pensamento do século XIX e que entra na situação denominada por Sloterdijk de pós-metafísica, caracterizada pelas viragens das práticas humanas, mas também pela teoria da evolução, o pensamento de Nietzsche, a psicanálise, a fenomenologia, o desenvolvimento das antropologias empíricas e filosóficas, a paleontologia, a linguística e a antropologia estrutural ao longo do século XX, incluindo, é claro, a analítica existencial e a concepção da diferença ontológica do próprio Heidegger, que alçou o pensamento à sua condição pós-humanista.[26]

Mas se por um lado Sloterdijk não quer retomar unicamente a bases ônticas, para pensar as problemáticas que se propõe sob as noções de antropotécnica e onto-antropologia, ele também reconhece os limites das ciências antropológicas, quase por completo perpassadas pela definição humanista do homem como um animal racional, motivo pelo qual a antropologia histórica e empírica esquece de pensar o ser humano, ele mesmo, em sua essência.

Com uma nova perspectiva, a onto-antropologia se interroga sobre dois polos a um só tempo: por um lado, interroga-se sobre o êxtase humano, que porta o nome de ser-no-mundo, e por outro, sobre o animal ancestral que tem conhecimento de seu devir-extático – poderá ser dito também: que é dotado deste êxtase.[27] E assim Sloterdijk o faz com o intuito de pensar o que para Heidegger não compete ao pensamento essencial, a saber: a história real da clareira.

Isso se torna claro quando, na obra *Regras para o parque humano*, seu autor empreende a "tentativa de caracterizar mais exatamente em termos históricos a clareira extática na qual o homem dá ouvidos às palavras do ser", ao defender justamente que "existe uma história – resolutamente ignorada por Heidegger – da saída dos seres humanos para a clareira".[28]

Os detalhes apresentados por Sloterdijk de seu pensamento sobre o que se poderá denominar uma *história maquínica do ser*, abordam tanto o que ele denomina uma "história natural da serenidade" quanto uma "história social das domesticações". Com tal perspectiva, esse pensamento vai tão longe no passado, que se propõe a explicar como o animal *sapiens* se tornou o homem *sapiens* – algo que

[22] Cf. Sloterdijk. *La domestication de l'être,* p. 50.
[23] Cf. Sloterdijk, "Penser la clairière, ou: la production du monde est le message" in *La domestication de l'être,* p. 35ss.
[24] Cf. Sloterdijk, *La domestication de l'être,* p. 26.
[25] Cf. Sloterdijk, *La domestication de l'être,* p. 22.
[26] Cf. Sloterdijk, *La domestication de l'être,* p. 23.
[27] "L'ontoanthropologie s'interroge sur les deux à la fois: sur l'extase humaine, qui porte le nom d'être-dans-le-monde, et sur l'ancien animal qui a connu ce devenir-extatique – on pourrait aussi dire: qui s'est donné cette extase". *La domestication de l'être*, p. 27-28.
[28] Cf. Sloterdijk, *Regras para o parque humano,* p. 32-33.

© 2020 Global Journals

Heidegger nem de longe pensou, devido a tantas reservas com relação a qualquer filosofia vitalista ou antropológica. Precisamente o que pressupõe a seguinte assertiva: "o fato de que o homem pôde tornar-se o ser que está no mundo tem raízes na história da espécie", enquanto que "a clareira é um acontecimento nas fronteiras entre as histórias da natureza e da cultura, e o chegar-ao-mundo humano assume desde cedo os traços de um chegar-à-linguagem".[29]

Com tudo o que esse pensamento evoca, a força de invenção de Sloterdijk não se detém na questão da linguagem. Ele vai ainda mais fundo na sua onto-antropologia. Concebe com esse pensamento toda uma política que subjaz à clareira do ser. Segundo sua argumentação, a chegada dos seres humanos às casas da linguagem não explica toda a história da clareira, pois assim que os humanos falantes começam a cultivar suas vidas em conjunto, erguem-se na clareira as casas dos homens, e com elas, um complexo bio-político de homens e animais na forma de parque humano. Quando isso ocorre, então a clareira passa a ser ao mesmo tempo "um campo de batalha e um lugar de decisão e seleção".[30]

Com essa abordagem que vincula a ontologia heideggeriana a uma perspectiva antropológica, Sloterdijk reposiciona a problemática da autoprodução do homem por si mesmo na história do ser, e em vez de privilegiar a linguagem e o pensamento, as antropotécnicas são colocadas em primeiro plano. O motivo é que a abertura do *Dasein* ao mundo não pode ser pensada sem os meios empregados pelo homem para sua autoprodução em um sentido muito concreto. Sloterdijk insere assim a analítica ontológica nas pesquisas arqueológicas acerca da constituição do homem como ser extático dotado de linguagem e pensamento. Fazendo isso, desenha-se o que o filósofo denomina uma onto-antropologia, que necessariamente delineará algumas linhagens de pensamento pós-humanistas.

IV. Antropotécnica, Moral e Biotecnologia

No interior da história maquínica do ser, a história das antropotécnicas registra a transformação progressiva do *Dasein* que, no apogeu da modernidade, desenvolveu ao máximo sua produtividade. Do ponto de vista do desenvolvimento da técnica, foi no momento histórico recente que mudanças radicais se impuseram à totalidade do ser. Os efeitos ecológicos, para mencionar um dos problemas que perpassam dimensões planetárias, começam a demonstrar a amplitude da esfera de ação da técnica moderna. No que se refere ao ser humano, a questão crucial que a onto-antropologia coloca para o tempo presente e futuro concerne fundamentalmente a como o homem se relacionará consigo e com o mundo da técnica que aparentemente fugiu a seu controle.[31] Essa questão converte-se em duas outras problemáticas, uma acerca de como a manipulação genética do material orgânico do homem e da natureza alterará a própria concepção humanista do homem e do mundo, e outra referente à domesticação do ser, de caráter mais imediatamente formativo e cultural.

Enquanto as biotecnologias contemporâneas desenvolvem antropotécnicas capazes de modificar o material genético e a reprodução biológica do corpo humano, as mídias desenvolvidas desde o século XX produzem um ambiente sociotécnico propenso a profundas alterações nas formas como o ser humano se relaciona consigo, com os outros e com o mundo. Afinal, de que forma o *Dasein*, que para Heidegger, é o guardião do ser, conseguirá domesticar os imensos potenciais interiores e exteriores inerentes ao seu destino epocal?

Em Sloterdijk, a questão da técnica não se refere somente ao homem. A natureza, considerada em todas as suas manifestações de vida, nada mais é que uma multiplicidade de arranjos biotécnicos. No que se refere ao homem, a técnica é considerada a sua forma específica de intervir no mundo. O homem atua na realidade por intermédio do que ele mesmo produz na sua relação com a natureza, ou seja, com base em certo grau de conhecimento. O produto dessa relação, isto é, determinado saber materializado na cultura, agrega formas cujas forças ampliam o poder de ação do homem sobre o mundo, e é nesse processo que frequentemente ocorre a produção de instrumentos, tratados por Sloterdijk como extensões do corpo humano. Na realidade, embora o *homo sapiens* seja impensável sem as suas extensões técnicas, os aparatos são produtos derivados de uma tecnologia humana mais fundamental que Sloterdijk denomina antropotécnica.

No decorrer de processos milenares, o homem se configurou no seio da natureza de modo a se desvencilhar das biotécnicas deterministas ou dos determinismos biotécnicos a que estava subordinado e passasse assim a produzir novas técnicas por si mesmo, alçando-se a novos patamares de complexidade e poder evolutivo do ponto de vista biocultural.

No processo antropotécnico das culturas, a linguagem e o pensamento desempenham certamente

[29] Sloterdijk, *Regras para o parque humano,* p. 34-35.
[30] Sloterdijk, *Regras para o parque humano,* p. 37.
[31] É o que se depreende de várias afirmações de Heidegger. Para mencionar duas passagens, ver *Serenidad,* p. 25. Na conferência "A questão da técnica", Heidegger trata da essência da técnica e do perigo constitutivo que a técnica moderna carrega em si, ameaçando a liberdade e a essência do homem.

© 2020 Global Journals

funções fundamentais. No entanto, é importante considerar, como fez Nietzsche, os instintos de base e o que ele mesmo chama de fisiologia da cultura.

Na história social e antropológica, o *homo sapiens* se constituiu enquanto tal quando um gênero de seres nascidos prematuramente colocou em prática um processo complementar ao da natureza biológica voltado à sua formação, desde o momento em que passou a complementar o processo natural de sua gestação com meios técnicos desenvolvidos por si mesmos, ou seja, recorrendo a meios artificiais. O profundo significado do termo antropotécnica pode ser deduzido fielmente deste raciocínio.[32]

A hominização no seio da história natural pressupôs meios não-naturais, antropotécnicos ou artificiais, para completar o processo de reprodução biológica com um procedimento que visa à formação e domesticação do homem por seus pares. Somente desta forma o homem chega à linguagem, produz cultura, torna-se sedentário, constrói seu parque, sua habitação e se domestica no exercício de todos esses processos. Eis em poucas linhas como Sloterdijk compreende o processo de domesticação que o homem empreende sobre si mesmo e seus pares ao lidar com sua incompletude biológica e natural: recorrendo sempre e a cada vez a antropotécnicas de vários tipos.

Desde os primórdios, portanto, o homem, enquanto *Dasein* dotado de linguagem e aberto ao mundo, é produzido por arranjos cujas estruturas nada mais são do que antropotécnicas, e por isso, pode ser considerado um ser eminentemente técnico ou artificial. Por meio das antropotécnicas, o homem engendra-se como produto de suas ações sobre si mesmo e sobre o mundo, e desta forma, é o resultado de todas as reificações antropotecnológicas de base cujo impulso fundamental foi dado pelo que os gregos denominaram *techné*.

No mais das vezes, o emprego da *techné* toma como orientação os objetivos referendados pelos valores morais da sociedade ou do grupo considerado. Se empregarmos o conceito de antropotécnica para pensar como o homem se autoproduz no decurso da história e o articularmos com o pensamento de Nietzsche, tornar-se-á possível tratar a moral como código-fonte matriz que define o modelo ou tipo de homem a ser produzido pelas antropotécnicas necessariamente aplicadas almejando determinados fins. Do que se conclui que, de acordo com o código moral considerado, tem-se um conjunto de antropotécnicas correspondentes e maneiras distintas de se produzir, moldar, treinar o tipo homem.

Em diálogo com Nietzsche pode-se pensar dois tipos específicos de efeitos produzidos pelas antropotécnicas orientadas pela moral. Na obra *Crepúsculo dos Ídolos*, ao colocar o problema da moral, a questão é deslocada a fim de privilegiar termos como adestramento (*Züchtung*) e domesticação (*Zähmung*), usados em geral para se referir ao tratamento que os homens dispensam aos animais quando querem utilizá-los de alguma forma.[33] O aspecto inquietante deste raciocínio consiste em que Nietzsche incorpora essas expressões para se referir ao trabalho do homem sobre si quando pretende impingir-lhe um modo de viver específico. No primeiro caso, o adestramento tem o objetivo de moldar o homem para extrair da relação um tipo considerado valioso em termos morais, que podem ser de utilidade, de eficácia ou de virtude. No segundo caso, o tipo de tratamento praticado sobre o homem tem o propósito de reprimir e recalcar os instintos para torná-lo um ser domado, manso e domesticado no sentido moral que o filósofo emprega à expressão.

No pensamento nietzscheano, o caráter predominante na produção dos homens recai na moral, que pode ser de dois tipos: uma moral de escravos ou uma moral de senhores.[34]Sloterdijk não incorpora na sua análise os critérios genealógicos nietzscheanos. Privilegia à seu modo a noção de antropotécnica com o fito de pensar o que ele denomina a domesticação do ser, expressão que compreende um significado mais amplo do que meramente moral pois se refere ao componente onto-antropológico do homem enquanto ser que necessita construir seu próprio lar para existir.[35] Para Nietzsche, o verbo domesticar refere-se a uma modalidade moral específica de proceder a formação do homem. Em Sloterdijk a expressão concerne ao fato de que o homem não pode prescindir da construção de seu próprio lar para nele viver.

[32] Na perspectiva de Sloterdijk, a hominização pressupôs uma série de mecanismos: "L'entrée dans la situation constitutive de l'être humain requiert l'interaction de quatre mécanismes dont l'engrènement mène précocement à des causalités circulaires bizarres. Nous désignons celles ci selon les modèles de la recherche paléontologique: 1. le mécanismes de l'insulation (...), 2. le mécanisme de la suppression des corps, 3. le mécanisme de la pédomorphose ou de la néoténie, c'est-à-dire de l'infantilisation du retardement progressif des formes corporelles, et 4. le mécanisme de la transposition". Cf. *La domestication de l'être*, p. 45.

[33] Este é o tema do capítulo "Os 'reformadores' da humanidade", in Friedrich Nietzsche, *Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo.* Lisboa: Edições 70, 2002, p. 55ss. – De acordo com o tradutor Artur Morão, o termo *Züchtung,* vertido por ele do alemão ao português como "educação", refere-se, primacialmente, à "criação (de animais) que visa a um aprimoramento", p. 56; o outro termo, *Zähmung* é traduzido como domação. Em uma segunda edição consultada, o tradutor Paulo César de Souza opta por "cultivo" e "amansamento", respectivamente, ver Friedrich Nietzsche, *Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 50. – Em nosso artigo, optamos pelas expressões adestramento e domesticação.

[34] Nomenclatura desenvolvida em detalhes por Nietzsche na primeira dissertação da *Genealogia da moral,* p. 29ss.

[35] Embora não desenvolva em detalhes, Slotedijjk menciona outros processos antropotécnicos além de domesticação: adestramento e criação. Cf. *Regras para o parque humano*, p. 36.

© 2020 Global Journals

Quando se trata de pensar com Nietzsche o processo de dar forma à matéria bruta homem, Sloterdijk traz à discussão uma passagem de *Assim falou Zaratustra*, sintetizada na constatação do

> Conflito fundamental que Nietzsche postula para todo futuro: a luta entre os que criam o ser humano para ser pequeno e os que o criam para ser grande – poder-se-ia dizer entre os humanistas e os super-humanistas, amigos do homem e amigos do 'super-homem' [*Übermensch*].[36]

Sloterdijk afirma que, ao tratar de *Übermensch*, Nietzsche refere-se a potencialidades humanas que podem ser alcançadas por meio de processos de "criação, domesticação e educação".[37] A domesticação do ser humano, no entanto, tem sido objeto de reflexão filosófica há muito mais tempo. Em Platão era uma questão entre pastores e rebanhos, criadores e criaturas, ou seja, uma questão política e antropológica que Sloterdijk denomina de zoopolítica.[38] Durante o Renascimento, o patrono da antropotécnica moderna, Comenius, inspirou-se na impressa de Gutemberg, ao propor uma máquina de cunhar seres humanos como caracteres de uma imensa tipográfica.

Na atualidade, porém, com a crise do humanismo e suas mídias escritas, os sábios saem de cena e a necessidade de domesticação do ser humano impõe o emprego de outras antropotécnicas. Ao invés de uma questão de ordem moral, agora a criação ou produção dos homens adquire uma nova face em função das ciências e das biotecnologias. O sujeito que se produz assim é outro, muito diferente do que se conheceu até então. Na década de 1990 os peritos da tecnociência pareciam assumir o controle sobre a produção antropotecnológica do homem. Mas o tempo demonstrou que as biotecnologias, se possuem importância histórica incontestável, não podem ser pensadas a não ser como um tipo específico entre outras antropotécnicas quiçá mais importantes.

Sendo assim, o que dizer agora, na época em que a linguagem busca acessar não mais a essência do homem; no momento em que a ciência constrói as condições técnicas para ter acesso ao que pode decodificar inclusive a natureza em suas dimensões infinitamente micrológicas e em suas profundidades insondáveis: a informação que está no núcleo mesmo da vida e seus processos (como no caso dos códigos genéticos) ? A questão é deveras complexa, pois se, como afirma Heidegger, o homem é singular por possuir e produzir linguagem, o nível de desenvolvimento dos conhecimentos e técnicas atingiu tal grau de complexidade e eficácia no desvelamento empreendido por ela, que a virada no campo da engenharia genética tornou possível ao homem reprogramar o código de geração da vida, o código genético. Dado o desenvolvimento tecnológico vislumbrado desde então, o homem poderá modificar a si mesmo à vontade recorrendo a operações antropoplásticas(transplantes, terapias genéticas etc.).

A decifração dos códigos genéticos, as nanotecnologias no campo das biociências e da engenharia genética, tudo isso permitirá, mais cedo ou mais tarde, uma reformulação do próprio homem sobre bases tecnológicas ultrainvasivas, muito além da seleção indireta obtida por regras culturais ou de parentesco no decorrer da mais longa história humana. Essa possibilidade de intervenção no código genético coloca em questão a própria definição do que é ser homem, do que é ser humano. De uma determinada forma, com a linguagem tecnocientífica aplicada na reprodução e manipulação genéticas em laboratório desvela-se o caráter antropotécnico do homem, pois a produção do ser humano em *biolabs* na aurora do século XXI torna perceptível de forma patente o que já estava lá desde os primórdios: a fabricação do homem por seus próprios meios antropotécnicos.

Durante toda a longa história do *homo sapiens* os códigos culturais serviram de referenciais sobre as formas seletivas de reprodução da vida humana. Com a decifração do código genético, a seletividade se abre em novos patamares de complexidade e eficácia como nunca antes se pôde imaginar e é aqui que se descortinam as problemáticas éticas e bioéticas. Somente agora se torna possível uma seleção ativa por parte dos homens acerca das características genéticas de seus semelhantes, sem que se precise recorrer às regras parentais ou às leis que orientavam de modo indireto o modo como as pessoas podiam se reproduzir em uma dada cultura. Agora, a forma de selecionar os tipos de características biológicas de seres gerados em laboratório passa para o lado ativo da decisão baseada no esclarecimento, que de maneira direta, literalmente cirúrgica, toma para si a decisão sobre o que selecionar, realizando tecnologicamente o desejo de eugenia e purificação da raça sonhada pelos nazifascistas.

No tempo presente, é no uso tecnocientífico da linguagem que se torna possível decifrar o enigmático código até então secreto da *autopoiesis* da natureza, o que por outro lado permite um novo poder de intervenção sobre o que é o homem e a vida com o emprego das novas antropotecnologias. O uso poético da linguagem se perde para o uso técnico e calculador das palavras e dos signos como meras informações descodificadas, e tudo isso, sem que se saiba ao certo o que virá depois de tamanha profanação antropocêntrica do núcleo da vida e da natureza. Assim, por essas vias, a humanidade é lançada mais uma vez às eternas questões sobre as primeiras e últimas coisas dos campos teológico e metafísico

[36] Cf. Sloterdijk, *Regras para o parque humano,* p. 41.
[37] Cf. Sloterdijk, *Regras para o parque humano,* p. 41.
[38] Cf. Sloterdijk, *Regras para o parque humano,* p. 48.

© 2020 Global Journals

tradicionais, a começar, porém, sobre bases morais, niilistas e desencantadas.

Se o homem é um ser poiético, com a imagem de um engenheiro geneticista no seu laboratório abre-se uma nova poiética de intervir no destino? Ou tão só uma nova forma de intervenção técnica sobre a reprodução do ser do homem na sua natufactualidade a partir de outra artefactualidade?

V. As Mídias e a Domesticação Do Ser

Um outro problema colocado por Sloterdijk sobre a domesticação do ser na época atual pode ser relacionado à constatação de que a cultura tem enfrentado profundas dificuldades na sua tarefa domesticadora, e falha em muitos aspectos na conformação dos sujeitos aos imperativos da civilização. Em termos psicanalíticos, isso resulta na liberação dos impulsos e no retorno do recalcado sem entraves ou sequer meios capazes de sublimar o imenso potencial inconsciente de descarga daí advindo. A fim de pensar esse problema já clássico, é possível fazer uma aproximação da perspectiva de Sloterdijk com a abordagem de Sigmund Freud em seu estudo sobre o *Mal-estar na civilização*, quando afirma que há dois grandes instintos que estruturam a psique: o instinto sexual e o instinto de morte, ou instinto de vida e instinto de destruição.[39] Para que a vida social possa perdurar é fundamental que a sociedade se aproprie desses instintos a fim de regulá-los. Sem esse procedimento, o processo denominado por Sloterdijk de domesticação fica prejudicado ou talvez se torne impossível de se realizar.

Até os tempos anteriores à modernidade, a regulação dos instintos com relação à sociedade era fundada na moral e em noções como sentimento de culpa, vergonha, respeito às autoridades constituídas, etc. Porém, com a queda dos valores considerados absolutos, destronados pelo niilismo moderno ao menos desde o século XIX na Europa, o poder da moral tradicional foi pouco a pouco minado, assim como a noção cristã de culpa e o superego condicionado socialmente. No curso do século XX, sobretudo após a Segunda Guerra mundial, esse processo se intensificou com a chamada revolução dos costumes e a liberação do desejo, o que colocou em xeque diversos tabus culturais. O individualismo hedonista, o laicismo, o liberalismo e a diversificação cultural conjugados resultaram em uma quase completa desarticulação das estruturas antropotécnicas tradicionais. Desde então, o processo de domesticação enfrenta uma crise de novas proporções que coincide, no século XX, com a crise mais geral dos valores humanistas, das instituições modernas e até mesmo das mídias domesticadoras em vigor, tese esta defendida por Sloterdijk em *Regras para o parque humano*.[40]

No entanto, em sociedades tão complexas quanto as atuais, não há como aceitar simplesmente a absoluta expressão dos impulsos individuais a despeito de regras e ordens sociais. Em termos antropológicos, sequer se pode imaginar uma sociedade assim. É indispensável encontrar um equilíbrio entre os anseios individuais e os imperativos sociais. Por isso, na ausência de uma domesticação eficaz no campo da psicologia social, aumentam as regulações externas asseguradas por códigos jurídicos e tecnológicos organizados para recalcar socialmente, desde o exterior, os corpos e as mentes que não se enquadram no que o sistema social exige.

As formas de se explicar esse fenômeno são variadas. O certo é que, na ausência de uma moral coletiva e seus respectivos mecanismos psíquicos, cresce a busca desenfreada por prazer, sem pudores ou limites, e de forma análoga também se intensifica a descarga de agressão e violência impulsionada pelo instinto de morte, destruição e crueldade não regulado. Como consequência, a sociedade passa a exigir maior rigor no controle e na punição de quem não se autorregula, fazendo com que o ciclo da repressão e da violência se retroalimente indefinidamente.[41] A dificuldade maior é que não bastam leis que estipulem os limites; nem mesmo a consciência ética é suficiente, pois o discurso e a razão tocam apenas o superficial, quando o que precisa ser investido é a dimensão mais profunda das pulsões. O comportamento ético ou socialmente aceito requer, mais do que isso, uma reorganização equilibrada da psique e das pulsões individuais e coletivas.

Entretanto, fica a questão de saber como promover uma regulação em um ambiente social e cultural conturbado e saturado de mídias, como é o caso do tempo presente.[42] Por isso, a problemática domesticação contemporânea exige uma abordagem diferente. Não se trata de um caso específico de psicologia social. O impasse que a civilização enfrenta na atualidade, diz Sloterdijk, é agravado com a entrada de outro elemento que concerne à domesticação do ser:

[39] Cf. Sigmund Freud, "O mal-estar na civilização", in *Obras completas volume 18.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 90.

[40] "A era do humanismo moderno como modelo de escola e de formação terminou porque não se sustenta mais a ilusão de que grandes estruturas políticas e econômicas possam ser organizadas segundo o amigável modelo da sociedade literária". Sloterdijk, *As regras para o parque humano,* p. 14-15.

[41] Em última instância, o círculo vicioso do instinto representa o apocalipse social e o que os jusnaturalistas denominavam de "guerra de todos contra todos", o negativo da sociedade civil.

[42] O texto de Alex Galeno intitulado "Mídias corroídas e subjetividades amputadas" pode ampliar essa discussão. Ver Alex Galeno; Gustavo de Castro; Josimey Costa da Silva (org.). *Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação.* São Paulo: Cortez: 2003.

© 2020 Global Journals

> Acima de tudo, porém, a questão de como o ser humano poderia se tornar um ser humano verdadeiro ou real está daqui em diante inevitavelmente colocada como uma questão de mídia, se entendermos por mídias os meios comunitários e comunicativos pelos quais os homens se formam a si mesmos para o que podem, e o que vão, se tornar.[43]

No mundo contemporâneo, ocorre uma disputa ou um conflito entre os impulsos domesticadores e bestializadores do ser humano e seus respectivos meios de produção tecnológicos. Sloterdijk denomina esses meios de mídias inibidoras e desinibidoras. Quando se considera a história das últimas décadas, percebe-se claramente que, no campo da cultura, ocorre um embate entre mídias domesticadoras e mídias bestializadoras. É nesse contexto que o modelo humanista de domesticação entra em colapso.

Assim como a teoria psicanalítica de Freud reconhece que, para existir civilização, é necessário que haja um certo grau de renúncia da satisfação das pulsões em prol do convívio na ordem social,[44] o postulado midiológico suposto na discussão da domesticação do ser proposta por Sloterdijk é o de que, para o humanismo, "a humanidade consiste em escolher, para o desenvolvimento da própria natureza, as mídias domesticadoras, e renunciar às desinibidoras".[45]

O humanismo moderno, enquanto movimento voltado ao autoesclarescimento do ser no mundo, caracteriza-se por projetar o homem na história com a crença no poder domesticador da razão. Por meio do cultivo do pensamento racional o ser humano tornar-se-ia capaz de prover a humanidade com as condições de conjurar a barbárie que sempre lhe espreita. Sloterdijk propõe pensar uma interpretação do humanismo da perspectiva antropotécnica, e mais especificamente, midiológica, e assim fazendo, contribuir para analisar os efeitos sociais, culturais e civilizacionais do conflito entre as mídias deflagrado nos últimos decênios.

O humanismo moderno, herdeiro do Renascimento e do Iluminismo ocidentais, desenvolveu-se e se espalhou pelas nações e continentes afora sempre amparado pelos textos escritos, encarados como autênticas cartas-patentes que outorgavam autoridade e legitimidade aos que se pretendiam pastores do rebanho humano, políticos, professores, clérigos, estadistas, pedagogos e cientistas. Com o incentivo do Estado Moderno, os estabelecimentos de ensino, os centros de pesquisa e os meios de comunicação de massa, todos eles complexos midiáticos, desempenharam suas funções antropotécnicas na formação dos povos e das nações – inclusive, para as guerras, na perspectiva de Heidegger retomada por Sloterdijk.[46] Uma vez montada a megaestrutura antropotécnica em vigor desde o pós-guerra, o conflito entre mídias inibidoras e desinibidoras lançou as sociedades em uma espiral de desregulação generalizada, a qual imprime uma dinâmica semelhante a uma revolução permanente nas atuais sociedades ocidentais.

Na realidade, quanto mais se recua no tempo histórico, mais se percebe como a tendência de valorizar a mídia escrita como fonte de conhecimento, educação e domesticação marcou a civilização ocidental, sobretudo nas elites culturais e políticas.[47] Desde a Antiguidade, e com maior influência na concepção da *humanitas* durante o Império Romano, passando pela Idade Média com a valorização do texto sagrado, até chegar ao Iluminismo nos séculos XVII e XVIII, a mídia textual, enquanto matriz antropotécnica do humanismo, imprimiu seus valores no código-fonte da civilização ocidental.

No decorrer da história do ocidente o conflito entre as mídias inibidoras e desinibidoras parece ser paradigmático. Na Roma antiga, a aristocracia dominante se resguardava da bestialização em suas leituras e nos diálogos filosóficos, enquanto os jogos da morte eram ovacionados pelas massas ávidas por violência, lutas sangrentas e crueldade nas arenas e nos estádios, onde gladiadores e animais davam livre curso aos impulsos selvagens. Junto à arte filosófica acessível a poucos, a arte dramática dos teatros servia como uma mídia intermediária para alguma sorte de sublimação dos instintos inerentes à tragédia humana e cósmica. O Império Romano proveu um código-fonte das antropotécnicas para suas elites letradas, enquanto deliberava para os militares e a casta sacerdotal a função de lidar mais diretamente com a domesticação das massas. Tendo à frente as fileiras militares, a Igreja Romana ganhou apoio e ampliou sua esfera de influência em quase todo o mundo conhecido, instalando suas guarnições nos territórios anexados ao império pelo emprego das armas. Com os guerreiros no *front* de batalha, entre gritos de estertor e golpes fatais, a famosa fórmula da cruz e da espada adquiriu todo o seu sentido histórico ao abrir espaço para a instalação dos monastérios e templos sagrados regidos por homens pacatos e espiritualizados que prosseguiam a

[43] Sloterdijk, *Regras para o parque humano*, p. 19-20.
[44] Diz Freud: "(...) isto parece ser o mais importante, é impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (supressão, repressão, ou quê mais) de instintos poderosos". Cf. "O mal-estar na civilização", in *Obras completas volume 18,* p. 60.
[45] Sloterdijk, *Regras para o parque humano,* p. 19.
[46] "De fato, Heidegger interpreta o mundo histórico da Europa como o teatro dos humanismos militantes; ele é o campo no qual a subjetividade humana leva a cabo, com fatídica consequência, sua tomada de poder sobre todos os seres. Sob essa perspectiva, o humanismo se oferece como cúmplice natural de todos os possíveis horrores que podem ser cometidos em nome do bem humano". Sloterdijk, *Regras para o parque humano,* p. 30-31.
[47] O que não impediu a barbárie. Quanto mais se recua no tempo mais barbaridades vão aparecendo. É o que veremos a seguir.

© 2020 Global Journals

dominação com orações e autos de fé. Assim, a Igreja construiu mosteiros para formação direta de seus quadros sacerdotais e, tão logo edificou seus templos como imensos meios de comunicação e culto, pôs-se a influenciar a formação cultural de massas crescentes de adeptos e convertidos – a mesma instituição que, paradoxalmente, no decorrer dos séculos, apoiou cruzadas, promoveu inquisições e outras ações direcionadas por impulsos bestiais.

Na modernidade, a partir do marco do surgimento da grande imprensa, o humanismo moderno, renascentista e depois iluminista, acreditou ser capaz de influenciar na domesticação do homem e do ser com o texto escrito e com a contemplação das belas artes, tal como, durante a Idade Média, a Igreja fez com a bíblia e os afrescos de suas catedrais. No interior de grupos seletos de homens e mulheres letrados, no mais das vezes compostos por déspotas esclarecidos, membros da corte, nobres, aristocratas e burgueses, começaram a circular epístolas filosóficas, discursos de método, descobertas científicas e romances literários que dividiam o encanto e a suspeita dos leitores pelo conteúdo das obras publicadas regularmente. O ambiente propício ao renascimento cultural, para além das fronteiras teológicas cristãs, contrarrestou gradativamente o acirramento dos ânimos entre dogmáticos e pensadores laicos que precedeu a era das revoluções. Estava-se montando assim um novo teatro de operações antropotécnicas sem que ninguém tivesse planejado de antemão.

Para que o projeto iluminista se consolidasse faltava no entanto mídias capazes de influenciar a formação das massas incultas com os preceitos e valores ilustrados, se não com teor emancipatório para todos, ao menos como forma de disciplinar os sujeitos em conformidade aos novos projetos de dominação gestados no mesmo período. Depois das academias, dos monastérios e das igrejas, típicas mídias humanistas nas suas vertentes filosóficas e cristãs, que durante séculos contribuíram para estimular o processo de domesticação do homem e do ser, chegou a vez da mídia impressa e da escolarização crescente das massas na idade da burguesia esclarecida.[48]

Ainda muito cedo, sintomaticamente no final do Século das Luzes, a Revolução Francesa deu os primeiros sinais de que as mídias humanizadoras da leitura e da escrita compunham, desta vez, a vanguarda de um processo de armação das subjetividades que viria a desencadear, em uma frente, a pretensa dominação da natureza por meio da ciência e, em outra, os conflitos políticos e sociais doravante recorrentes com as revoluções burguesas e proletárias em âmbito nacional e internacional.[49] Em vez da cruz e da espada, a impressa, a baioneta e as escolas tornaram-se símbolos dos arsenais antropotécnicos do humanismo laico, que deixou para trás os pudores religiosos junto com as cabeças decapitadas de seus monarcas, destronados para sempre, aplainando assim o terreno para a ascensão dos nacional-humanismos livrescos.[50]

A educação de parcelas consideráveis da população europeia em instituições de ensino ganhou um novo impulso com a adesão incondicional da burguesia capitalista às promessas do progresso industrial, que exigiu qualificação técnica da mão de obra na operacionalização dos meios produtivos. No século XX, as mídias humanistas que pretendiam reproduzir uma postura domesticada vinculada ao texto, ao mesmo tempo na imprensa e nas escolas, demonstraram definitivamente que mesmo o progresso científico e tecnológico proporcionado pela razão cultivada não levaria à emancipação das massas em um ambiente social pacificado. A formação do Estado moderno e a constituição de exércitos regulares a seu dispor concorreram também para a conformação das massas aos imperativos domesticadores da civilização ocidental por dentro e por fora dos sujeitos, recalcando, no mesmo processo, por meio da lei e das armas, a revolta que se inflamava em seus interstícios. Em retrospectiva, era só uma questão de tempo para que, em um ambiente conturbado por disputas políticas, culturais e econômicas, os impulsos assim reprimidos viessem à tona em suas várias formas de expressão. Após revoluções, levantes populares e conflitos civis, as guerras mundiais e os totalitarismos mancharam de vez a história do século XX. Em vez de comunicação em prol de uma civilização humanizada, os impulsos embrutecedores escaparam dos contornos imaginados pelo iluminismo. E a despeito das insistentes tentativas do cristianismo em impingir seus princípios morais no seio das sociedades modernas, nações inteiras foram levadas às últimas consequências, valendo-se de armamentos pesados e tecnologias de ponta para impor projetos de dominação aos adversários internos e externos. Assim, tornou-se incontestável a dura lição de que o humanismo esclarecido falhara como projeto de civilização.

Nesses movimentos sociais, o que se percebe do ponto de vista de uma análise midiática de fundo é que o humanismo veio se constituindo ao longo da história como o lugar da produção de seitas de alfabetizados. Na perspectiva de Heidegger tomada por Sloterdijk, o objetivo do humanismo seria proporcionar uma certa amizade à distância por meio

[48] Sloterdijk desenvolve suas pesquisas sobre as antropotécnicas modernas influenciadas pelos ideais iluministas, pelo Estado e a proliferação de escolas em *Tens de mudar de vida,* p. 430-444.

[49] Sloterdijk afirma que Heidegger julga criticamente o humanismo por sua "contribuição à história do armamento da subjetividade". Cf. *Regras para o parque humano*, p. 30.

[50] Cf. Sloterdijk, *Regras para o parque humano,* p. 12.

© 2020 Global Journals

da escrita, com o que, a filosofia recruta seguidores que escrevem sobre o amor e a amizade uns aos outros, mesmo que anonimamente. Aqui, trata-se de um *ethos* que supõe uma antropotécnica comunicativa com efeitos formativos e sociais. A reflexão, a leitura e a escrita, práticas que domesticam o corpo e a mente, são constitutivas do humanismo enquanto fenômeno midiológico e portanto comunicativo. Escreve-se com o intuito de se comunicar, do mesmo modo como refletir e ler estimulam a instrução, o esclarecimento e, o que é mais importante, a domesticação.

Ocorre que o humanismo histórico, em vez de contribuir com o projeto civilizatório da domesticação, decaiu como discurso beligerante e desencadeou revoluções e guerras em diversas ocasiões, efeitos evidentes de forma cabal durante o século passado com as experiências das guerras mundiais e dos totalitarismos.

Na sequência do pós-guerra o mundo viu a proliferação de novas mídias e sua reprodução em larga escala. Se não se pode pensar a tragédia da Segunda Guerra sem o agenciamento dos meios de comunicação de massa, depois então, com a formação das sociedades espetaculares, as mídias passaram a desempenhar uma função crucial no campo político e social em geral.

No século XX, a história das tecnologias mostrou ao mundo uma infindável sucessão e acúmulos de inovações que resultaram em profundas mudanças na forma como o processo de domesticação viria a se atualizar. A crise do humanismo burguês do homem ilustrado, leitor e sedentário, é reflexo da entrada em cena, na história da hominização, de novas mídias trazidas pela imprensa e aprofundadas pelos meios de comunicação em massa. O advento do rádio (1918), da televisão (1940) e da *internet* (2000) provocou uma desarticulação gradativa das estruturas antropotécnicas clássicas, humanistas e modernas, lançando as sociedades em uma condição pós-literária e, na perspectiva de Sloterdijk, pós-humanista.[51]

No contexto contemporâneo, a tarefa da domesticação fica profundamente prejudicada, muito em parte devido à quase completa desarticulação das antropotécnicas humanistas e, sobretudo, devido à falta de um projeto de civilização que leve em consideração as mídias desenvolvidas nos últimos trinta anos, período em que as inovações nos dispositivos midiáticos se multiplicaram vertiginosamente, de modo que, agora, a subjetividade se encontra submergida em um parque humano saturado de mídias concorrendo para o processamento da psicologia e do comportamento das massas. Os efeitos das mídias desinibidoras esbarram assim na necessidade de domesticação.

Na falta desse projeto, as mídias inibidoras e desinibidoras são definitivamente tomadas em processos descodificados, sem qualquer articulação por parte dos Estados ou da sociedade civil organizada, e ficam à mercê das grandes corporações econômicas no livre mercado, ao passo que são apropriadas de mil e uma maneiras sem que haja nenhuma concatenação, nem jurídica, nem política ou muito menos ética. O que se vê é uma contradição profunda e irresoluta entre as mídias domesticadoras e as mídias bestializadoras.

Tomada nos novos dispositivos midiáticos, a linguagem, velha morada do ser para Heidegger, transforma-se radicalmente e perde sua aura. Desencarnada completamente, torna-se informação pura à disposição de circulação comunicacional algorítmica. Ademais, a linguagem das imagens sobrepujou o efeito domesticador dos textos escritos, das cartas e dos livros. As mídias imagéticas e as telas que lhes servem de suporte hoje estão em quase todos os lugares e produzem um apelo muito mais direto e visceral nos sujeitos. A oralidade viva também é inserida no atual contexto e tem que entrar, voluntariamente ou não, no jogo e na disputa com a sonoplastia maquínica, que reduplica indefinidamente os sentidos e significados disponíveis nos sistemas comunicacionais e informacionais. Esse parece ser o destino da oralidade e da palavra na era de sua reprodução técnica.

O destino pós-humanista já se evidencia e exige-nos respostas aos desafios que remetem a como domesticar o homem e o ser em tempos nos quais reina uma desordem sistêmica e o caos dos signos. Ademais, fica ainda a questão de saber como completar com êxito a domesticação e mais profundamente a formação do *homo sapiens* para tornar a vida viável a longo prazo. Disso resulta a clara necessidade de se pensar na formulação de regras capazes de orientar uma nova política de criação e reprodução do parque humano em dimensões locais e globais, antropológicas e ecológicas.

VI. Considerações Finais

A filosofia de Heidegger expressa uma certa passividade diante da ameaça que o poder da técnica moderna produziu, ou seja, ante o abismo aberto no século XX pelas técnicas de destruição à mercê do homem. O que chama atenção é que Heidegger não oferece reflexões que encaminhem o pensamento para o campo político, social e histórico humano. Embora tenha aberto brechas para as trilhas do que depois se tornou o pensamento ecológico, o filósofo demonstra mais esperança em um milagre advindo do próprio ser do que assume os riscos de apontar para a necessidade de se pensar (para produzir) políticas de civilização relativas às técnicas.

[51] Sloterdijk, *Regras para o parque humano,* p. 14.

© 2020 Global Journals

Isso se explica em parte pelo fato de que Heidegger não analisa a técnica moderna (que refez o mundo à sua maneira) como mero instrumental. Do ponto de vista do ser, a técnica moderna já se consolidou de tal maneira, que não faz mais sentido lidar com ela como instrumento à disposição do homem, mesmo porque, agora são os entes em sua totalidade, inclusive o homem, que são tomados como algo à disposição da técnica moderna. A técnica estruturou-se como armação que enquadra os entes, os seres e as coisas no seu interior como algo disponível ao modo de desencobrimento calculador no sentido que os gregos atribuíam ao fenômeno da *híbris* (como desmesura) que é o próprio modo de ser da técnica planetária. Toda a história considerada, essa nova maquínica gera um outro ser. Nenhum regime político-econômico foi capaz de se sobrepor a ela. Tanto o homem se transforma quanto as dimensões materiais e físicas do seu ambiente.

Nos séculos recentes o mundo assistiu a uma proliferação de antropotecnologias que resultou em uma profusão de homens e máquinas puras em um novo complexo antropo-eco-técnico. Outrora, as técnicas pareciam servir à vida. Agora, a vida é gerada no interior de agenciamentos que não fazem distinção entre natureza e artifício, homem e máquina, concreto e abstrato. O ente em sua totalidade é agenciado para alimentar uma antropomáquina cujas operações se concretizam por meio de sujeições sociais cada vez mais austeras. Assim, o parque humano torna-se uma fábrica recombinante de homens e máquinas conjugados, ou seja, o conjunto de mídias e dispositivos que conectam os corpos e os cérebros e compõem conjuntamente o que se poderia denominar corpo inorgânico do ser, que no tempo presente não é senão o corpo artificial da cultura no seu estado maquinocêntrico.

Se, como afirma Sloterdijk, a cultura já surge como artifício antropotécnico, agora o corpo artificial da cultura saltou de vez para fora dos corpos e das mentes humanas constituindo uma nova dimensão do ente considerado em sua totalidade. Com efeitos extraordinários, essa nova dimensão do ser passa a operacionalizar e funcionar quase inteiramente autônoma, bastando para isso, ao menos por ora, que os homens mantenham-se engatados a ela. Marx havia chamado atenção para o fato de que o homem, ao processar a natureza com sua *práxis*, necessariamente produz uma "segunda natureza". A diferença em relação a como Sloterdijk compreende o fenômeno do metabolismo da sociedade com a natureza é que para ele o processo não se faz em termos puramente naturais, pelo que, prefere enfatizar o aspecto artificial do mesmo processo, dado que na dimensão da natureza reconhece a ação de biotécnicas. De uma forma ou de outra, trata-se, sem dúvida, de uma nova dimensão do ser que conforma ecologias sintéticas ou artificiais.

No entanto, essa nova dimensão do ser configura-se como um parque artificial cuja arquitetura, tomada pelas mais diversas tecnologias, age ativamente na formação ou deformação dos sujeitos que vivem nela. De fato, a vida nas grandes cidades contemporâneas exige um *ethos* completamente diferente dado o caráter dinâmico e tecnológico da urbe planetária. Tudo se passa como se o ser-aí estivesse inserido em uma espécie de acelerador de partículas construído a céu aberto e que conta como suas peças os mais distintos elementos, humanos, semióticos, materiais, artificiais, maquínicos, naturais, etc.

No limite atual, as técnicas nem seriam mais somente extensões dos órgãos humanos, usadas para satisfazer carências ou impulsos supostamente inatos ao organismo biofisiológico. A um determinado grau de produção antropotécnica, como na cibercultura, o que se vê é a produção de técnicas para satisfazer desejos e necessidades reportados ao próprio conjunto da cultura, ou seja, para satisfazer os efeitos bioculturais da máquina antropotécnica global.

Com toda a importância que a filosofia da técnica e da serenidade de Heidegger tem, não é recomendável deter-se no seu pensamento se ocorre a vontade de envolver o pensamento na vida de nosso tempo, sob pena de assistirmos inertes aos rumos históricos, como se estivéssemos parados diante do impasse existencial e mesmo ontológico que a técnica moderna promove.

Quanto ao impasse de Heidegger, Sloterdijk é pro-ativo e demarca um distanciamento do filósofo da Floresta Negra. Não há no pensamento de Sloterdijk nenhuma perspectiva tecnofóbica. A técnica não seria algo estranho ao homem. Na realidade, a técnica é o único caminho do homem pois ele próprio é um produto técnico no seio da cultura. O que cabe à humanidade, enquanto civilização, é decidir o que fazer com as antropotécnicas disponíveis e por se inventar. A saída passa por restabelecer relações antropotécnicas com o objetivo de constituir uma sustentabilidade maquínica do ser em seu conjunto e da qual dependem nações inteiras e conglomerados de populações que somam mais de sete bilhões de seres humanos, configurando civilizatoriamente uma imunologia geral ou uma esfera coimunitária comum, na perspectiva de Sloterdijk.[52] Esta condição coimunitária pressupõe o

[52] Cf. Edgar Morin& Peter Sloterdijk. *Rendrela terre habitable.* Paris: Pluriel, 2011. Neste diálogo com Edgar Morin, Sloterdijk considera que o ser humano é constituído de três sistemas imunitários. "Le premier est celui de l'immunologie biologique, l'immunologie du corps, qui a bouleversé nos idées sur la santé du corps. Le second est celui de l'immunologie juridique et solidaire, et le troisme, celui de l'immunologie symbolique: ce sont les myhologies, les religions et les grandes interprétations de notre être au monde. Jusqu'à présent, il est evidente que chaque communauté réelle, chaque peuple, chaque

© 2020 Global Journals

imperativo ético e político da sobrevivência do comum, isto é, a proteção e a continuidade das culturas e das nações só será possível em uma relação de interdependência entre elas. Na realidade atual na qual o mundo vive uma crise pandêmica causada pelo Covid-19, tal imperativo torna-se premente entre as nações. Uma coimunologia geral, neste caso, significa o reconhecimento tácito de que nenhum país será capaz de resolver a crise virótica isoladamente.

Eis o contexto que subjaz à antropotécnica e à onto-antropologia, que visa articular o pensamento da diferença ontológica com a história da natureza e da cultura. Sloterdijk propõe inserir o homem, tal como o pensou com afinco Heidegger, em uma história que não se limita à verdade do ser, mas que, sabendo esta verdade, empreende a difícil tarefa de pensar a história da humanidade à luz de um pensamento que se pretende pós-humanista e pós-metafísico, anunciando com essas ideias inovadoras uma história técnica da clareira, ou mais profundamente, uma história maquínica do ser, que, segundo pensamos, já está sendo feita por autores contemporâneos.

References Références Referências

1. FREUD, Sigmund, "O mal-estar na civilização", in *Obras completas volume 18.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
2. GALENO, Alex; CASTRO; Gustavo de; SILVA, Josimey Costa da (org.). *Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação.* São Paulo: Cortez: 2003.
3. GALENO, Alex; FRANÇA, Fagner Torres de (org.). *Ensaios antropotécnicos – máquinas e humanos.* Curitiba: CRV, 2019.
4. GIACOIA JR. Oswaldo. *Friedrich Nietzsche: A 'grande política' fragmentos. Clássicos da filosofia: cadernos de tradução nº 3.* Campinas: UNICAMP/ IFCH, 2002.
5. HEIDEGGER, Martin. *Ensaios e conferências.* Petrópolis: Vozes, 2006.
6. HEIDEGGER, Martin. *Serenidad*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1994.
7. HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
8. JÜNGER, Ernst. "A mobilização total", in *Natureza humana,* jun. 2002, vol.4, Nº 1, p. 189-216.
9. LOPARIC, Zeljko. Resenha da obra de Peter Sloterdijk *Nicht gerettet. Versuche nach Heidegger*, in *Natureza humana,* jun. 2002, vol.4, Nº 1, p. 189-216.
10. MORIN, Edgar & SLOTERTDIJK, Peter. *Rendre la terre habitable.* Paris: Pluriel, 2011.
11. NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo*. Lisboa: Edições 70, 2002.
12. NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
13. NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
14. SLOTERDIJK, Peter. *La domestication de l'être: pour un éclaircissement de la clarière.* Mille et Une Nuits, 2000.
15. SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo.* São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
16. SLOTERDIJK, Peter. *Tens de mudar de vida: sobre antropotécnica.* Portugal: Relógio d'Água, 2018.
17. VIRILIO, Paul. *A arte do motor.* São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
18. VIRILIO, Paul. *La bomba informática.* Madrid: Ediciones Cátedra, 1999.

culture a développé son propre système immunitaire symbolique. Ce qui menait à cette situation paradoxale que pour assurer sa propre protection immunitaire il fallait nuire au système immunitaire des autres. Même le phénomène de domination de l'homme par l'homme peut être réinterprété dans une terminoligie politico-immunitaire. L'avantage immunitaire des uns incluiat automatiquement le désavantage des autres", p. 9-10.

© 2020 Global Journals